

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica as segundas-fei-
ras. Não se devolvem os originais. — Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



DEP. LEG.
Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal,
Lisboa, 6\$50; Província, 3 mezes 2\$50,
Africa Portuguesa, 6 mezes 7\$00; Estrangeiro,
6 mezes 11\$00.

QUINTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2043

Os intelectuais e o operariado

Ultimamente certos elementos intelectuais têm vindo afirmando a sua simpatia pela causa do operariado, desejosos, segundo se depreende, de colaborar na obra de libertação dos oprimidos pelo capitalismo. Certamente que a grande massa trabalhadora não repugna aceitar o concurso daqueles que vivem, principalmente, pelo cérebro e que não exploram o trabalho de outrem e que, por isso mesmo, são trabalhadores como os outros.

Mas a verdade é esta: à parte a condição primária da sinceridade dos propósitos dos intelectuais que pretendam aproximar-se de nós, a outra condição para uma profícua colaboração é a da sua sindicalização. A que título senão como trabalhadores poderiam esses elementos ter qualquer espécie de acção no movimento operário?

Em geral certas classes nutrem uma especial relutância pela adesão a C. G. T. e quando se sindicalizam evitam-na. Ora os movimentos colectivos do operariado têm a sua característica sindical, que não podem perder. E' isso que constitui a sua força e que há de, no futuro, contribuir para a sua vitória.

A vida social do futuro far-se há pela cooperação de todos os elementos produtores e não são certamente dos que desprezaremos os trabalhadores intelectuais. Não há nenhuma necessidade de os pôr de parte, o que haverá é até a necessidade de intelectualizar cada vez mais o operariado, o que exactamente se não poderá fazer sem o concurso de camaradas mais instruídos e que, actualmente, vivem arredados das nossas associações e da nossa vida sindicalista.

Que venham para nós, mas empenhando os nossos métodos os que nutrem simpatias pela nossa acção. E dentro da organização operária e da campanha pela libertação dos trabalhadores têm os intelectuais um lugar bem marcado, uma missão definida, sobretudo a da obra da educação que é necessário realizar.

O operariado necessita de criar uma escola modelo, um teatro, realizar tantas outras aspirações de elevação intelectual. Quere os intelectuais dar a essas obras o seu concurso? Só teremos que nos regosijar por isso. Apenas com uma condição: é que primeiro, aceitando a nossa forma de organização e de actuar na sociedade em que vivemos, nos dêem assim uma garantia do seu procedimento futuro. Porque fora do sindicalismo todas as outras manifestações com aparência de colectivas não passam de puras abstracções e terão sempre uma vida efémera.

Uma revolta de negros na Guiné violentamente sufocada

22 soldados mortos e 74 feridos

Recebemos da Arcada a seguinte informação:

«O governador da Guiné enviou para o ministério das Colónias, o seu relatório acerca da campanha nas ilhas Cunhabague, Galpinhas e João Vieira, cujo objecto se tinha revelado, tendo havido da parte das forças do governo vinte e duas mortes e setenta e quatro feridos, tendo feito grande número de prisioneiros.

O governador estabeleceu nas referidas ilhas vários postos militares, para ocupação, sendo nelas recebidas as apresentações dos rebeldes que se submeteram, ficando aquelas regiões completamente submetidas à nossa soberania.

Informa mais que a campanha foi muito trabalhosa, visto os rebeldes serem muito aguerridos e estavam bem armados, sendo completamente batidos.

Em primeiro lugar acentuamos que a Guiné parece estar num outro planeta, dada a demora havida nas notícias acerca do que por lá se passa. Essa demora revela que o governador da Guiné é um senhor todo poderoso que não tem pressa em dar contas dos seus actos.

E' significativo o silêncio da nota que recebemos da arcada sobre os motivos que levaram os negros a revoltar-se. Não se dá sobre isso a mais pequena explicação decerto porque a revolta dos negros da Guiné deve ter-se baseado em razões de incontestável justiça.

O negro costuma ser na Guiné vilmente explorado e roubado. Não lhe aplicam impostos absurdos, fazem-se-lhe pilhagens descaradas. As revoltas são a consequência dessas pilhagens.

A história dos crimes praticados em Africa ajuda a pôr em perspectiva. Do que se sabe — e é bem pouco o que se sabe — essa

Notas & Comentários

A polícia

Foi ontem dia grande para a polícia que efectuou no Campo Grande exercícios militares de grande imponência. Depois desses exercícios houve o desfile que foi feito em continência perante o seu comandante interino, major sr. Rodrigues.

Esses exercícios vão continuar e fazem parte daquele famoso plano de transformar a polícia num corpo aguerrido, preparando-a para poder exorbitar das suas funções e a tornar-se uma força capaz de amanhã assustar os governos que pretendam ter a velocidade de lhe dar ordens.

Os «gloriosos» tempos de Sidónio Pais revivem em todo o seu sinistro esplendor. A própria «Leva da Morte» não tardará a ser empalidecida por um «feito brilhante» para o que não faltam à polícia nem espingardas, nem instinto criminal, nem impunidade.

A morte ontem fez exercício militar no Campo Grande.

Os sinais

Lisboa principiou a ter ontem o serviço de polícias sinais organizado devidamente. E' uma vergonha noticiar-se este facto, não porque tal serviço não seja indispensável, mas porque há muitos anos a nossa pena deveria ter traçado esta notícia. Enfim, vale mais tarde do que nunca. Os guardas que se desempenham desta missão útil são altos e membrados para dar ao estrangeiro a impressão de que a raça portuguesa é atlética e tem glórias internacionais nos jogos olímpicos. Neste passo para o progresso Lisboa atrazou-se mais do que o Porto, onde há muito tempo os sinais são encontrados espalhados às esquinas das ruas quasi desertas, vigiando, de olho alerta o trânsito calmo — não vá, como já tem acontecido, algum carro de bois chocar com uma carroça de mão...

Não se compreende...

A imprensa monárquica está sem recursos. Assim o confessa o «Conselho Superior da Causa». Chega a parecer impossível que uma causa onde há tanta gente de dinheiro, tanto homem de negócios, tanto banqueiro, lute com falta de fundos para manter a sua imprensa. Compreende-se essa pobreza franciscana no meio operário, porque os trabalhadores mal ganham para comer. Não sabemos, pois, como explicar esta ausência de fundos. A não ser que os monárquicos, ricos distraiam todo o seu dinheiro disponível para os grandes órgãos que lhes defendem os negócios e esqueçam os jornais que lhes defendem os princípios...

Os lactários

Por iniciativa do sr. Alexandre Ferreira, abriam em pontos diversos da cidade três lactários, mantidos pela Câmara Municipal. E' realmente uma iniciativa interessante a qual não regateamos aplausos. Estão os lactários assim distribuídos: rua da Voz do Operário, rua Luz Soriano e Jardim da Estrela. Todos eles distribuem leite e roupas das crianças pobres, bem como se prontificam a fazer-lhes lavagens em baldes, sob a vigilância de pessoal habilitado. Pena é que, em vez de três, não se tivessem aberto vinte ou mais porque todos encontrariam população de crianças para alimentar. Mas, como dizia Confúcio «as grandes viagens começam por um passo» e não esperamos que a Câmara Municipal não fique no primeiro passo...

Na esquadra do Caminho Novo

Um preso que foi agredido, que se encontra doente e sobre o qual impende uma acusação inverosímil

Na esquadra do Caminho Novo encontra-se preso Manuel Tavares da Silva. Acusaram-no de ter tomado parte numa reunião, no dia 1 de Maio, que tinha por fim preparar o atentado ao comandante da polícia.

Tavares da Silva esteve doente, de cama, de 13 de Abril a 29 de Maio. Não podia portanto ter tomado parte numa tal reunião, que só existiu na imaginação da polícia, pois não é este o primeiro preso a quem era impossível ter participado nela, sendo, no entanto, acusado de tal.

Para lhe arrancarem uma confissão agrediram-no bárbaramente os agentes da brigada do «xefe» Xavier, destacando-se na fúria agressora o agente Armelin.

Tendo adoecido foi levado para o Governo Civil, onde o conservaram oito dias, removendo-o de novo para a mesma esquadra onde se conserva doente ainda.

Eis as esmagadoras provas que a polícia possui contra os indivíduos presos.

Eis um exemplo mais daquela humanidade tão conhecida nessa classe de gente.

história é um rosário de vergonhas — e de vergonhas sinistras.

Cerca de 22 soldados ficaram mortos e 74 ficaram feridos, como o afirma a nota que recebemos, a fim de ser sufocada essa revolta.

Sacrificaram-se 22 vidas — porquê? Os negros foram chacinados — porquê?

Eis o que a informação não diz, e, pelo que parece, não é necessário dizer-se. Sacrificaram-se na Guiné, a vida dos brancos e a vida dos negros não se dando sequer em troca a mínima explicação sobre os motivos que originaram esse gravíssimo acontecimento.

Estes mistérios têm de acabar! Precisa-se saber porque nas plagas da Guiné se condenam homens à morte e os negros tomam o caminho da revolta.

A carne humana é objecto de mercancia para os donos da Guiné. Mas, o tempo em que esses crimes se praticavam, sem que ninguém estranhasse, acabou.

Estamos, infelizmente, impossibilitados de apurar o que se passou na Guiné e condenados a ter como única fonte de informação as notas enviadas da Arcada cujo laconismo significa uma infâmia e cujas omissões revelam que o que lá se passou foi tão vergonhoso que se recela referi-lo na Metrópole.

Mas desde já lavramos contra esse propósito de silêncio que consideramos uma indignidade e um crime o nosso mais veemente protesto.

HÁ ESCRAVATURA NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

Os americanos afirmam-no e os portugueses que têm coração e alma generosa, afirmam-no também em nome da humanidade!

Há escravatura nas colónias portuguesas!

O sr. Armando Cortezão, colonialista distinto, criatura culta por cuja inteligência e saber temos a máxima consideração, revelou há dias no *Diário de Notícias* que um grupo de americanos apresentou à Sociedade das Nações um libelo acusatório contra a colonização portuguesa em Africa. Soube ver — muito bem — que esses dezasseis americanos ao fazer tão grandes acusações não visavam outro propósito humanitário... que não fosse o de cubiçar as colónias portuguesas.

Também não confiamos nas boas intenções dos filantropos americanos, mas, por de parte dessas más intenções, o sr. Armando Cortezão poderia ter confessado, porque confessava uma verdade universalmente conhecida, que os crimes de que são acusados os colonizadores portugueses correspondem à realidade dos factos.

Talvez no propósito de nos revoltar contra os filantropos americanos e de nos levar, no auge da exaltação, a exclamar: «Calunhadores!» o sr. Cortezão transcreveu algumas passagens do terrível libelo acusatório, e, tem graça, essas passagens estão ainda quem de acusações que em letra redonda temos feito sem que os coloniais portugueses ou o ministério das colónias se atrevessem a desmentir-las.

Ora vejamos, com toda a serenidade com a maior calma possível, para que a ira e a revolta não nos perturbem a razão algumas dessas acusações caluniosas, como o sr. Cortezão parece classificá-las, transcritas do relatório entregue à Sociedade das Nações. Vejamos:

«O antigo processo de escravatura, dizem eles, desapareceu, mas em seu lugar surgiu uma forma de requisição de trabalho cujos efeitos são muito piores que a antiga escravatura.

«No velho sistema, os escravos eram um valor da propriedade e não passavam fome; a escravatura só era cruel quando o proprietário era de carácter cruel. Agora, os indígenas, arrancados de suas casas pela captação, são vítimas dum sistema que não tem consideração pelas suas circunstâncias individuais e ignoram a sorte das suas famílias.

«Continuamente se fala, através das páginas do relatório, de deportações de indígenas de quem nunca mais se ouve falar. Homens, mulheres e crianças são levados para trabalhar nas estradas. «Os soldados vêm, agarram a gente, incluindo as crianças, e atam-nos uns aos outros. Levam cerca de metade da família, deixando a outra metade.» Vêm-se constantemente bandos de mulheres trabalhando nas estradas, muitas delas com crianças às costas.

Estes trechos que o sr. Cortezão citou no seu patriótico artigo é uma síntese maravilhosa do que se passa em Angola.

Terá o ilustre colonialista, que tão grande permanência teve nas colónias e que tanto sabe de assuntos africanos, coragem de negar a veracidade do que apontam os americanos no seu libelo? Toda a gente conhece estes factos, e não é pouca. Compreendemos que o interesse dos proprietários desumanos, do Estado opressor para com os negros ou no dos roedores de São Tomé que, pela calada, praticam a sua pilharia muito razoável, se procurem desmentir essas verdades dolorosas. O que não compreendemos é que o sr. Armando Cortezão ponha a sua inteligência e a sua honestidade ao serviço de tão ruim causa.

Para que desmentir essas verdades? A quem aproveita o desmentido? Ao africano que abusa brutalmente do atraso das populações africanas e à custa do suor, do sacrifício, da escravatura — é este o termo — de desgraçados que não podem defender-se, faz fortunas colossais que raras vezes aproveitam à colectividade.

Agora vai o sr. Armando Cortezão chamar-nos anti-patriota, vendido aos promitidos americanos e aos chocolateiros ingleses, como já alguém o afirmou. Mas nós não nos ofendemos. Em Setembro do ano findo, num artigo sobre o sofrimento do povo negro de Angola escrevemos estes períodos que não vão muito fora do libelo acusatório dos americanos:

«Como o negro, a pesar da sua inteligência rude, não aceita voluntariamente essa escravatura, usam-se todos os *trucs*, todas as manhas para apanhá-lo. O mais vulgar é o que se emprega com os negros que vêm em grandes grupos, carregados de cera, de borraça ou de outros produtos negociar as povoações mais importantes.

Seduz-se o negro, oferecendo-se-lhe a guardente. Instrui-se previamente um intérprete que é premiado com uma boa gorjeta. E quando o rude negro, enternecido pelo álcool, está desprevenido, começa-se a aplicar a lei de protecção ao indígena.

O contrabandista, representando uma autêntica comédia, diz para o intérprete:

— Pergunte a esse homem se quer ir trabalhar para umas propriedades em tal parte, mediante o salário de X...

E o intérprete, ensaiado devidamente, profere, no idioma do preto embriagado:

— Ouve lá, pergunta o patrão se quer aceitar um pau bonito e bom...

Ou então:

— Diz o branco se quer uma espingarda.

E o bom preto, sensibilizado com tanta gentileza do branco, responde ingenuamente que — sim.

Regista-se imediatamente que o pobre preto aceita, com alegria, ir morrer, por um salário miserável, sob o sol dardante que abrasa as roças de São Tomé ou as herdades de Angola.

Depois, se o desgraçado negro se apercebe do logro e quer regressar à sua terra, entra-se no domínio da violência. «Malandro!» Quere faltar ao contrato! Mandrão,

«O Século» atralhado... Sobre um desmentido ridículo

O *Século* tentou ontem desmentir a notícia que aqui publicamos sobre o empréstimo de 500 contos que tenta realizar, junto do Banco de Portugal. E fê-lo tão atralhadamente que, na sua perturbação, nem reparou que a publicação do desmentido em forma duma carta assinada por Pereira da Rosa e endereçada a Trindade Coelho resultava numa perfeita chuchadeira. Então, é admissível que o dono ou melhor o supremo dirigente de *O Século* escreva ao seu empregado Trindade Coelho, pedindo-lhe e agradecendo-lhe a publicação duma carta? Se o sr. Pereira da Rosa se visse a sério forçado a fazer isso não deixaria de rousnar, com exasperação, que o «bolxevismo» tinha entrado em *O Século*.

E' tolo e caricato o *truc* que se levou à prática, pois ninguém se convence de que a empresa de *O Século*, para se defender, precise de escrever cartas ao seu servil empregado Trindade Coelho.

A-*pesar* do desmentido feito pela forma caricata que relatamos, nós mantemos a afirmação de que foi apresentada ao Banco de Portugal uma proposta para um empréstimo de 500 contos, não como disseram alguns jornais sobre o edificio onde *O Século* está instalado, porque esse já está hipotecado em 1300 contos à Companhia de Crédito Predial, mas sim sobre o título do jornal.

E' provável que a nossa notícia tivesse gorado o negócio que estava bem preparado e tinha condições de viabilidade visto que a União dos Interesses Económicos tem na direcção dos Bancos um dos maiores paladinos, o sr. Assis Camilo, que, quando da compra das acções da Sociedade Nacional de Tipografia à Moagem, assinava as circulares enviadas aos comerciantes pedindo-lhes que subscrivessem para a compra dessas acções.

As coisas por *O Século* não vão em maré de rosas, dada a incompetência manifesta dos que o dirigem.

Há lá uma célebre conta sob a rubrica *despesas reservadas* que é um verdadeiro sorvedouro, ninguém sabendo ali, a não ser o sr. Pereira da Rosa, a que se destina tal dinheiro.

A publicidade de *O Século* é grande e grande devia ser a receita por ela produzida. Mas todos os anúncios serão pagos à administração? A sapataria «Excelsior», Guerin, Lda., e «Palace Stand», estabelecimentos pertencentes a Pereira da Rosa, devem ser os melhores pois publicam anúncios todos os dias...

Contra a guerra

A organização juvenil deverá manifestar-se em todo o país

Pelo comité federal da F. J. S. foi enviada uma circular aos núcleos de Juventude Sindicalista da região portuguesa, da qual extraímos os trechos que seguem.

«Presados camaradas. — Promovendo a Associação Internacional dos Trabalhadores, conforme ficou resolvido no seu último Congresso, uma manifestação internacional anti-militarista de protesto contra as guerras, a qual deve ter lugar no próximo dia 2 de Agosto, a Federação das Juventudes Sindicalistas, pelosso comité Federal, resolveu dirigir-se directamente aos núcleos da região portuguesa para que estes aproveitem a oportunidade a fim de levantarem nesse dia o início duma constante e grande campanha anti-militarista no país, uma vez que é a nós que esse assunto mais interessa, porque somos também nós, os jovens, as maiores vítimas dessa opressão militarista.

Nestas circunstâncias, apressamo-nos a convidar todos os jovens, por intermédio dos seus Núcleos, a fim de nas diversas e respectivas localidades impulsivarem a organização sindical a realizar sessões de protesto nesse dia, diligenciando que a essas sessões não só as Juventudes se façam representar por um ou mais delegados como os jovens compareçam no seu maior número.

Nas localidades onde a organização operária seja insuficiente para cumprir as deliberações da A. I. T. por intermédio de C. G. T. portuguesa, deverão os Núcleos tomar resolutamente o encargo de as promover.

Nessas sessões urge que não sejam esquecidos alguns pontos, para o que chamamos a vossa atenção, a fim do nosso protesto ser unânime em toda a região: Análise do militarismo e os prejuízos que à humanidade tem causado semelhante monstro; as guerras em Marrocos, simples fcapricho dos governos espanhol e francês para beneficiar a alta finança desses países ambiciosos de um maior poder.

«Que todos os jovens se preparem pois para esta primeira e grande jornada internacional contra a guerra e contra o militarismo.

Que ela seja grandiosa e torne bem patente o nosso protesto contra essa terrível ameaça que em todos os tempos tem obstado à Paz e à Liberdade dos povos.»

A guerra de Marrocos

As tropas rifenhas têm recebido reforços

TANGER, 29. — As tropas de Abd-el-Krim continuam sendo reforçadas em todos os sectores. Os sintomas de actividade que se notam, indicam que Abd-el-Krim tem recebido, ultimamente, bastantes adições de rifenhos que, com grande entusiasmo, se prontificam a combater os franceses.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NO CHILE A reacção democrática

O conflito operário das explorações de salitre de Iquique foi *solucionado* com uma sangrenta repressão por parte da polícia o do exército, tendo merecido os assassinos as felicitações do presidente Alessandri, o turtufo, que pretende regenerar o povo chileno com a ponta das baionetas dos seus si-
cários.

Provocou o conflito pelas arbitrariedades do comando militar de Iquique, os operários tiveram de recorrer a meios extremos, para defender os seus direitos calçados pelos capitalistas e as suas vidas ameaçadas pelos prepotentes esbirros da ordem. E a esses mesmos provocadores confiou o governo chileno a solução da greve, os quais se desempenharam *condignamente* da sua missão, conforme o comprova o seguinte comunicado enviado ao ministro da guerra:

«A situação na Pampa foi dominada. As forças ocuparam as oficinas Corunha e Barrenche, onde entre uma quantidade de material bélico se apreenderam 75 caixões de dinamite. Entre os caídos encontra-se um sujeito de apelido Garrido que, como título de comissão geral do Sóviete, dirigia os revoltosos. Quatrocentos presos serão conduzidos a esse pário, e ficarão detidos no local do velódromo, único adequado, onde permanecerão até que se efectue a análise dos seus antecedentes pessoais.»

A greve de Iquique foi pois reprimida com sangue. Os operários chilenos já estão recebendo os benefícios obtidos com a restauração da república e regresso de Alessandri, instrumento da mais disfarçada das reacções: a do liberalismo de espada e do rancho quiteleiro.

NO BRASIL Como se desmente um delegado sentimental

Castelo Branco Clark, delegado brasileiro à Conferência Internacional do Trabalho, realizada recentemente em Genebra, fez com tal *sentimento* um relato da situação dos trabalhadores do seu país, que os outros delegados choraram de emoção ao tomarem conhecimento do amor e carinho com que nele são tratado todos os que trabalham.

Mas ainda não se tinham referido da sua emoção, quando Cornelis Mertens, vice-presidente da Federação Sindical Internacional de Amsterdão, se levantou para desmentir todo o discurso de Clark, fazendo entre outras as seguintes afirmações:

«Em princípios de março houve uma greve dos trabalhadores têxteis do Rio e uma dos ferroviários de Santos: estas duas greves, estas duas expressões da liberdade de associação, foram sufocadas pela força militar. Nesta mesma cidade do Rio nos fins do ano passado, nos meses de setembro e outubro, operou-se uma *razia* contra as organizações sindicais e seus militantes. Sem nenhum motivo foram encarcerados os dirigentes da organizações sindicais; uma parte dentre eles foram deportados para Oyapock no estado do Pará, onde reina a febre amarela, faz extremo calor, e a vida é difícil. E' assim que se respeita nesse país ideal o direito de associação dos trabalhadores.

«Diga-se o que se quiser, mantenho todas as acusações que fiz, e acrescento que posso mais documentos, que não mostrei, porque são demasiado comprometedores para o governo brasileiro.»

Castelo Branco Clark, vendo-se desmascarado, e na impossibilidade de fazer a defesa do governo brasileiro, pela qual certamente teria recebido grossa quantia, não se atreveu a contestar as palavras de Mertens, achando por melhor conservar-se em silêncio durante o resto da conferência.

Receando que circulasse na Europa a notícia do que se passa actualmente no seu país, o governo brasileiro entendeu estupidamente que bastava enviar à Conferência de Genebra um *impostor* qualquer, para que nenhum crédito fosse dado a tal notícia, mas afinal a sua ideia produziu efeito perfeitamente ao contrário, tendo-se tornado até largamente conhecidos factos que muita gente até agora ignorava.

NA CHINA O imperialismo contra a liberdade

De há algum tempo para cá formou-se uma verdadeira conspiração de silêncio em redor dos acontecimentos chineses. Este silêncio era necessário para permitir que os diplomatas imperialistas *procurassem* mais uma vez concluir um *acordo* entre as potências rivais no que diz respeito aos sonhos de conquista desse imenso país que tão explorado tem sido.

O que está, no entanto, plenamente comprovado é que a luta pela libertação do povo chinês continua cada vez mais acesa e que a «boycootagem» dos produtos britânicos alastra pouco a pouco.

Por outro lado os mercenários imperialistas estão organizando uma expedição militar contra o Cantão revolucionário e contra Kuo-Ming-Tang que representa as reivindicações nacionais de toda a China.

No entanto, a diplomacia vai trabalhando. Segundo o *Chicago Tribune* está sendo realizado um *acordo* entre as potências imperialistas e dentro em pouco farão várias propostas concretas ao governo de Pequim, o único que os imperialistas reconhecem e toleram.

Na Câmara dos Comuns, em Londres, Chamberlain declarou que a situação da China «tem tendências para melhorar», mas que, no entanto, o movimento de «boycootagem» aumenta gradualmente e que em diversos sítios as mulheres inglesas tiveram que embarcar em navios que as protegessem.

Propaganda anti-militarista

PARIS, 29. — O tribunal correcional condenou a seis meses de prisão o conselheiro municipal comunista Juliet, acusado de fazer propaganda anti-militarista.

CARTA DE COIMBRA

Aodisseia das menores desprotegidas

Os autores do crime de estupro a que temos feito referência, foram apanhados — Em pouco mais de quinze dias, contam-se já cinco crimes de violência sobre menores!

COIMBRA, 28. — O crime de estupro a que temos feito referência, praticado à sombra das festas de São Pedro, e cometido por seis indivíduos cujos nomes já publicamos — Mário Sêco, Henrique do Amaral, Luís Roque, Augusto de Matos e David de Barros — começou agora a entrar no período sério; as responsabilidades a apurarem-se e a opinião pública, sensata e inteligente a manifestar toda a sua repulsa, condenando o procedimento vil daqueles que, pela sua idade, melhor seria que evitassem crimes como aquele em que se envolveram.

Neste momento, sabedora da verdade, toda a Coimbra estremece de horror e protesta — exigindo justiça para este caso, pois a continuar um estado de irresponsabilidade não se pode prever a que desmoralização se chegará.

O dia de hoje, foi um dia de grande agitação e frequência nas immedições do tribunal. Fazia oito dias que tinham sido presos os autores deste infame crime e, enviados ao recolhimento, estes deviam sair apanhados ou recolherem à cadeia.

E, de facto, estes saíram sob fiança de cem mil escudos.

A fiança foi mal recebida, causando até indignação a quantos dela tiveram conhecimento. Como indignação causou também, o facto de a saída do tribunal, os cinco indivíduos se mostrarem a rir, quasi arrogantes!

Entretanto, como se este caso não fosse já mais do que suficiente para nos causar arrepios — eis que se constata mais quatro crimes de violência sobre menores, todos eles precedidos de requintada bestialidade, e na perdição de crianças desprotegidas.

Num dos dias da última semana, no parque de Santa Cruz, passava uma criança de pouco mais de 7 anos, que ia levar o jantar ao seu pai, um pobre operário. Entretanto, a-pesar-dêsses porque ser policiado, alguns estudantes agarraram a dita pequena, e pedindo a chave dum dos torresões do campo de futebol, atentaram contra a pobre criança a quem queriam desflorar!

Como porém não conseguiram seus infames propósitos por qualquer causa que desconhecemos, os referidos estudantes abandonaram a pequena, vindo agora a constatar-se esta terrível e nojenta verdade: a criança ficou contaminada dum doença venérea, estando em estado lastimável!

Como é infame! Como revolvia tudo isto! Mas... não fica por aqui. Vamos ao terceiro caso:

Manuel Sertorio Falcão, 1.º cabo de infantaria 35, que tinha como criada uma rapariga de 15 anos de idade, pois sua mãe alugava quartos a estudantes, servindo-se de pretextos que ignoramos, violou a referida menor, deixando-a, como a pequena de 7 anos a que acima no referimos, contaminada de mal venéreo!

Ao saber porém que andavam procedendo contra si, militarmente, resolveu fugir.

Quanto ao quarto e, quinto crime, eles foram praticados na travessa da Mãosinha, aos Olivais, e no lugar da Espanadeira, por indivíduos cujos nomes não desconhecemos e que atentaram também contra duas menores! — C.

A greve mineira

PARIS, 29.—O comité executivo da Internacional dos mineiros resolveu apoiar o movimento grevista dos mineiros ingleses.

PELA POLÍTICA

Ainda a crise ministerial

O dr. sr. Domingos Pereira está na disposição de organizar um ministério a todo o custo, a fim de evitar que o Chefe do Estado peça a sua demissão. A sua primeira ideia foi um ministério de concentração geral, e outras depois lhe têm acudido à mente, sendo a última a que parece um ministério de democráticos apoiado pelos tais famosos deputados independentes.

Segundo informações que recebemos, no tal ministério entraria um socialista que seria o sr. Ramada Curto, o sr. Herlander Ribeiro ou ainda o sr. Dias da Silva, mas qualquer destes só aceitaria no caso dos deportados regressarem à metrópole.

A grosseria dum chefe de esquadra

A mulher dum preso tratada como se fora uma prostituta

Na esquadra do Caminho Novo, como já publicamos, encontra-se preso o operário Júlio da Anunciação, vítima como outros das maquinações policiais.

Ontem, quando a esposa daquele preso se dirigia ao calabouço, afim de entregar-lhe o almôço, o chefe da referida esquadra chamou-a ao seu gabinete e tratando-a por tu, dirigiu-lhe tais obscenidades, na mais baixa linguagem de bordel, que a levaram, não tendo ânimo para responder a tão estúpido e grosseiro proceder, a apresentar-se chorando ante o marido.

E' revoltante a boçalidade destes Argus que impunemente afrontam tudo e todos.

Causa nojo a baixeza revelada pelo aproveitamento desse chefe, que, tendo sob a sua guarda uma mulher, julgou que isso lhe poderia servir a brincar com a honrabilidade da esposa.

FRUTO DUMA TOURADA

No hospital de São José deu ontem à tarde entrada, recolhendo à enfermaria da sala de observações, Vitorino da Silva Teles, de 46 anos, pedreiro, natural da Azambuja e residente em A dos Loucos (Vila Franca de Xira) que na corrida de touros que, há dias, se efectuou em Arruda dos Vinhos, onde um dos touros saltou para as bandadas, caiu, nessa ocasião, fracturando um braço.

Em plena Democracia

Em Cereal do Alentejo as autoridades proibiram um comício

CERCAL DO ALENTEJO, 27.—O Sindicato dos Trabalhadores Rurais resolveu efectuar no passado domingo um comício público de propaganda para o que convidou a C. G. T. e a Federação Rural a enviarem delegados.

Na terça-feira, 21, enviou o Sindicato um requerimento ao administrador do concelho, que tem sede e residência em São Tiago do Cacém, pedindo autorização para efectuar o comício e comunicou ao regedor substituto do Cereal, actualmente em actividade, que o comício tinha lugar nesse dia.

Como até ao dia 25 não houvesse resposta por parte do administrador do concelho o Sindicato comunicou ao dito regedor que deveria o mesmo tomar providências para que à última hora não succedesse qualquer contratempo. O regedor solicitou então telegraficamente de São Tiago do Cacém uma resposta ao pedido feito pelo Sindicato. Propositadamente até ao momento de ter lugar o comício o administrador do concelho, servindo magnificamente os desejos da padralhada que nesse dia efectuava uma procissão em São Tiago, não enviou qualquer resposta.

Como seria lógico, o regedor do Cereal deveria autorizar a realização do comício, que em tempo mais do que oportuno, tinha sido solicitado. Tal não succedeu. O regedor, criatura inculca e imbecil, sem modo de vida determinado, satisfazendo as imposições dos lavradores e proprietários da localidade, resolveu não autorizar o comício. Esta resolução foi tomada depois de constantes conversas com o cabo comandante da G. N. local e com os proprietários.

A comissão administrativa do Sindicato Rural resolveu então suspender a realização do comício para uma ocasião mais oportuna, tendo assumido especialmente esta atitude por ver o propósito de agressão em que se encontravam os soldados da G. N. R. que não teriam dúvidas em pôr em prática os seus instintos selvagens contra os direitos trabalhadores. Convém dizer que, segundo informações seguras que temos, um dos soldados da G. N. R. é um dos que tomou parte no célebre morticínio de 22 de Junho de 1924 em Silves.

Era tal o propósito agressivo que existia no regedor e G. N. local que, tendo um grupo de rurais convidado mais tarde os delegados da C. G. T. e Federação Rural a darem um passeio pelos arredores, quando todos se encontravam sentados à sombra do arvoredor a uma distância relativamente grande da aldeia, surgiu impudicamente o regedor acompanhado pelo cabo e um soldado da G. N. R. que os intimou a não estarem ali, porque tudo dava a entender que se tratava dum reunião.

Em Cereal e arredores é geral a indignação contra esta violência da autoridade havendo grande entusiasmo pelo comício, que a despeito da burguesia local, terá lugar muito em breve.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500.

Extrações sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em 15000. Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

OS QUE MORREM

PALECIAMENTOS

Da Casa Mortuária do Hospital de S. José, foi hoje removido para a Morgue, a fim de lhe ser feita a autópsia judicial, o cadáver de José Zimbral, aquele proprietário de Ponte do Rol (Torres Vedras) que, como noticiamos, ali foi agredido, no dia 21 último, à paulada por um seu filho, vindo a falecer no dia 26 na enfermaria de S. António.

Do hospital de S. José safu ontem pelas 12 horas, seguindo no comboio das 13 horas para Redondo, terra da sua naturalidade, o funeral de António da Conceição aquele negociante que, como noticiamos, quando no dia 25 em Estremoz examinava uma pistola esta disparou-se, indo a bala alojarse-lhe no ventre, vindo a falecer no dia immediato na enfermaria de Santo António.

No Banco do Hospital de São José, faleceu ontem Teresa Duarte, de 67 anos, natural de Montemor-o-Velho, e residente no Casal Ventoso, vila Prata, 13, que caiu por uma escada na Praça de Alegria.

CAMARA MUNICIPAL

Em reunião da comissão executiva da Câmara Municipal foi apresentada uma proposta para que a rua da Procição passe a designar-se rua Cecílio de Sousa. Cecílio de Sousa foi um dos jornalistas republicanos do tempo de Latino Coelho.

Foi resolvido também que seja colocado no Jardim Constantino, a escultura de Francisco dos Santos, «Prometeu», que foi adquirida pela Câmara Municipal.

Deliberou-se que a Policlínica Municipal fique instalada numa dependência da escola municipal n.º 1, sita no largo do Mastro.

—Vai ser ordenada a remoção duma barraca existente no Parque Eduardo VII, que, tendo sido destinada a vestiário dos jogadores de foot-ball, se encontra transformada numa taberna, onde se dão frequentes desordens.

SOLIDARIEDADE

Pró-Alberto Carneiro

No Salão de Festas da Construção Civil, realiza-se no próximo domingo, às 21 horas, um espectáculo em favor de Alberto Carneiro, que se encontra impossibilitado de trabalhar, devido a uma pernalça de doença.

Representar-se há a peça militar, em 4 actos, «Uma causa célebre» e um acto de variedades, preenchendo os intervalos o grupo musical «O Cravo».

Uma rectificação

Pede-nos José Gordinho que esclareçamos ter sido a quete de 22320 tirada pelos componentes da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada.

A política e o teatro

Para não se agravar o conflito satisfaz-se o capricho do menino ministro

A empresa do teatro da Trindade pede-nos para declarar o seguinte:

«Que foi ontem novamente intimada pelo chefe de polícia que presidia à representação da revista «Ditosa Patria» a suprimir o «Duetto dos Políticos» que embora não passe dum simples gracejo absolutamente inofensivo, tanto tem dado que fazer aos nossos eminentes governantes.

Que essa intimação se fez em nome do sr. ministro do Interior como pode provar com mais de dez testemunhas.

Que é portanto o mesmo ministro quem vem contradizer a declaração publicada ontem pelo sr. governador civil.

Que estava resolvida, bem como os dois interpretes do referido dueto a fazê-lo representar a-pesar das ameaças de prisão aos mesmos interpretes feita pela supra citada autoridade.

Mas que, em vista de toda a companhia e demais empregados do teatro terem declarado que se fariam prender também com os seus dois camaradas ainda que fosse violentamente, num número de cerca de trezentas pessoas, a Empresa, de acordo com os autores, resolveu suprimir o número, não em obediência a uma intimação que continua a classificar de arbitrária e ilegal, mas em obediência ao bom senso e ao propósito de não colaborar com as autoridades na desordem e no desrespeito pela Lei de que elas deram provas.

O caso está submetido à apreciação do sr. ministro do Interior, numa exposição que lhe dirigiu e que ainda não recebeu por esquecimento de quem deverá mandá-la, e será submetida a todos os tribunais, se justiça não for feita por aquêle titular.

—Lisboa, 30 de Julho de 1925. —Pela Empresa do teatro da Trindade. —(a) Luís Galhardo.

Afirmam também o signatário desta ser menos verdadeira a afirmação feita ontem pelo governador civil numa declaração que tornou pública e na qual se diz que num número da «Ditosa Patria», arbitrariamente proibido pela policia administrativa, um politico ali caricaturado appareu vestido de rameira.

Explosão a bordo

SANTANDER, 29.—Explodia uma caldeira a bordo dum navio espanhol fundado neste porto, tendo morrido 4 dos tripulantes e ficado 6 gravemente feridos.

Exposição de frutas

Realiza-se no próximo sábado, pelas 15 horas, a inauguração da exposição de frutas do sr. Alfredo Moreira & Filhos, conhecidos horticultores portuezes.

A exposição conservar-se-há aberta até ao dia 4 do próximo mês de Agosto, revertendo o produto das entradas a favor da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais de Imprensa.

A 30\$000 finas com diamantes, rubis e safiras. A 40\$000 cruvas, com diamantes, rubis ou safiras. —DURO H DEBO OUVESARIA E JOALHARIA

Manuel Rodrigues Junior R. dos Vinheiros, 665 —Esq. R. Silva Albuquerque

MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Desna» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, efectuando a última tiragem de correspondências ordinárias às 11 horas e para as registadas recebe-se até às 9 horas.

Os 5.500 polacos expulsos

DANTZIG, 29.—O governo tomou todas as medidas necessárias para assegurar trabalho e alojamentos aos 5.500 polacos que vão ser expulsos da Alemanha.

DESPORTOS

Club Desportivo «Os Varinos»

Reúne hoje a assembleia geral para aprovação dos estatutos, nomeação de corpos gerentes, apreciação do relatório da gerência, fixação do preço da cota e outros assuntos.

Atropelamento

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa António de Passos Ferreira, de 12 anos, natural de Tomar, residente na rua Morais Soares, 66, A B, 1.º, esquerdo, que, foi atropelado pelo automovel S-4145, ficando ferido na cabeça.

TEATRO AVENIDA

Telefone Norte 4355

AINDA HOJE A TRAGEDIA

O LODO

AMANHÃ

3.ª recita de assinatura

com a peça de Benavente

A MALQUERIDA

PROTAGONISTA:

ADELINA ABRANCHES

Teatro Nacional

Hoje não há espectáculo

PARA SE PROCEDER AO ENSAIO GERAL

DO MELODRAMA

OS DOIS GAROTOS

CARTA DO PORTO

A questão das carnes

A Associação dos operários das Carnes Verdes occupa-se deste magno assunto

Para tratar das carnes e do horário do trabalho, reuniu a Associação de Classe dos Operários de Carnes Verdes do Porto, que editou um manifesto, sendo profusamente distribuído por toda a cidade.

A esta grande assembleia presidiu Joaquim de Sousa Laranjo, velho elemento da classe, secretariado por Daniel da Cunha Leão e Manuel Ribeiro.

Esclarecida, pelo presidente, suficientemente a assembleia sobre os benefícios que advém para os operários o regulamento do trabalho; demonstrado, com clareza, o quanto de mau e perigoso é para os assalariados do ramo das carnes verdes e para o consumidor, a organização numa grande empresa dos marchantes e das Companhias já constituídas—foi dada a palavra ao camarada Henrique Magalhães que, num breve discurso, historiou o sofrimento de todos os operários de estabelecimentos de carne no Porto, mostrando o quanto de desumano existe em obrigar homens a trabalhar desde as 4 horas da manhã até às 10 horas da noite, chegando os marchantes, na sua dose de insensibilidade, a não dispensarem aos seus assalariados horas para a refeição. O orador, num certo arrebatamento, diz: «Pois bem: a lei vem terminar com este sofrimento, com esta escravidão. Apenas é necessário exigir-se o que nos pertence, o que a lei nos facultou. Quanto ao monopólio, não creia na sua realização. Podem os srs. marchantes juntar-se, fundir-se, constituir-se numa só grande empresa: terão sempre pela frente, como sempre tiveram, os operários das carnes verdes da cidade do Porto; os quais, mais uma vez, lhes hão-de estragar o cozinhado».

Nesta ordem de ideias falou ainda Manuel Pinheiro, José Leites, A. Flores e Eduardo Miguel Peixoto.

Por fim, foi resolvido: criar-se fiscais para o cumprimento do horário; dirigir-se esta colectividade às juntas de freguesia para que estas, em defeza do povo consumidor, contribuam para que se constitua a Comissão de Abastecimentos tal qual a representação por elas feita ao ministro da Agricultura; efectuar, na próxima quinta-feira 30 do corrente, uma nova reunião magna, não se descurando esta magna questão em que, não só está em risco esta classe, como, em especial, o povo consumidor.

No fim, foi tirada uma quete para os mobiliários de Guimarães em greve, tendo 100\$00.

Coliseu dos Recreios

Kawamula e Saint Mars fazem hoje um emocionante combate

Cinco centos de prémio ao vencedor do japonês

Constant contra Bastarrica e Petig contra Stolzenwald

A noite de hoje vai ser de emoção e de entusiasmo para os frequentadores do Coliseu dos Recreios porque ali se realizam os três mais emocionantes combates de luta da temporada.

DA KAWAMULA, o valente campeão do mundo japonês, em «jû-jutsu», luta com o brutal belga RAUL SAINT MARS; o célebre campeão belga CONSTANT LE MARIN luta com o colossal espanhol BASTARRICA e o selvagem austríaco PETIG luta com o enérgico alemão STOLZENWALD. São três lutas formidáveis, emocionantes, cujas fases o público hã-de seguir com atenção. O valente japonês desafia os lutadores amadores e profissionais a lutarem com elle, oferecendo cinco contos a quem conseguir vencê-lo em luta japonesa de «jû-jutsu» em 3 «rounds» de 5 minutos com 1 minuto de descanso. Antes da luta executar-se-há um admirável e surpreendente programa de variedades.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

TIVOLI

TEL. N. 3171

De tarde às 3 horas — De noite às 8 h. e 3/4

AS ESPOVAS DOS RICOS

Cine-drama em sete partes

OS EMIGRADOS

Produção da Svenska Film em 6 partes

Uma ciné comédia

Uma panorâmica

Um documentário

Ita «matinée» tem entrada gratuita as crianças acompanhadas

A PEDIDO — Sábado e domingo a noite: A ESTRELA DE ISRAEL

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Coliseu dos Recreios

Portugal é um país célebre em pessoas do apellido «Gonçalves». Lembro-me neste momento de alguns: Nuno Gonçalves o pintor de táboas, chamadas presumivelmente os painéis de São Vicente; Estevão Gonçalves, que illuminou o célebre Missal; João Gonçalves, que foi ministro da república e director da Penitenciária; Romão Gonçalves o tenor incomparável de poderio vocal e agora Manuel Gonçalves, campeão de luta greco-romana, cujo nome ecoa por todos os cantos da terra portuguesa a mistura com o do famigerado boxer Camarão.

Ontem o Coliseu foi simplesmente Manuel Gonçalves. O público especial que vai a estas sessões começou a afluír ao vasto recinto momentos antes do início do torneio. Também fomos ao Coliseu na nossa missão de criticar os números de variedades que exibem antes da luta. Não são desagradáveis e vê-se, sobretudo, que o empresário escolheu artistas de relativa modestia para entreter a hora que precede o «espectáculo favorito». São números que se perdem na vastidão da sala e que melhor estariam em recinto menos amplo. Fariam aí melhor figura, no Coliseu, são tolerados pela massa do público que só pensa nos lutadores. Nessa altura é que é ver o entusiasmo febril, as palmas rebentando, a grita infernal. Ingénuo público no meio do seu instinto de fera.

Um amigo disse-me ao entrar: «O meu cartel anuncia-me com antecedência quem serão os triunfadores».

A' saída, sorridente, exclamou: «Que lhe dizia eu? Saíu ou não certo?»

Por minha parte, confesso, confundi de tal modo os campeões, que nesse momento ao passar por um deles disse:

«Cá vai o nosso compatriota Manuel Gonçalves...»

«Este não... obtemperou o meu amigo, este é Raoul Saint Mars».

«Fiquei vexado. Que crime, o meu, em não conhecer os grandes homens do meu país!»

Já na rua, um membro do directório democrático, que em vira palmar a luta com muito entusiasmo, apertando-me a mão—também conheço pessoas gradas,—comentou-me ao ouvido:

«Men caro, não tão desiludido que só duas coisas me fazem vibrar: a luta do Coliseu e a solução da crise».

NOGUEIRA DE BRITO

Uma oferta do Teatro Apolo

Da Sociedade Artística, Lda, recebemos um cativante officio no qual nos comunica que no Teatro Apolo se pôs em prática o principio da socialização e que, como manifestação de simpatia para com os operários, nos envia uns bilhetes destinados aos que estejam agrupados na C. G. T. Por meio desses bilhetes, os operários terão um abatimento de 30% em todos os logares nas recitas que se effectuem na sexta e no sábado desta semana.

Agradecemos a oferta.

Festas artísticas

E' hoje que se effectua no Eden-Teatro, a recita de homenagem a Henrique Sant'Ana, director artistico e ensaiador deste teatro, que acaba de revelar as suas altas qualidades de «mateur-en-scène» na brilhante encenação da revista «A cidade onde a gente se aborrece», peça que hoje se representa mais uma vez, com o atractivo e a novidade de no espectáculo tomarem parte obsequiosa e gentilmente os artistas Justina de Magalhães, no «Cancioneiro»; Santos Carvalho e José Santos, na «Canção Nacional»; Aurelio Ribeiro, no «Gaiola»; os bailarinos Charles e Stichini, no «Baile da Morte» e Giggett e Adelphi no número de bailados modernos, intitulado «Une Idyle Chinoise», que vai produzir o maior efeito artistico.

Para este espectáculo estão os bilhetes à venda durante o dia.

Noticias

Entre as peças dramaticas que, nos últimos tempos, mais tem atraído as atenções do publico, occupa um lugar de excepcional destaque! «Os dois garotos», o empolgante drama de Decourcelle, que pelo seu impressionante entreecho, tem conseguido dominar e arrebatrar as multidões.

E' essa sensacional peça que amanhã vai reaparecer, no Nacional, retomando nela o papel de «Famian», a notavel actriz Ilda Stichini, cuja maleabilidade de talento lhe permite interpretar os mais desencontrados géneros teatraes.

A peça apresenta varias novidades, na sua actual distribuição, devendo salientarse, entre as que mais avultam, a do illustre actor José Ricardo, ter-se encarregado do papel de «O Lesma», do qual, há 23 anos, fez uma criação admirável, e a estreia de Irene Isidro, aluna laureada da Escola de Arte de Representar, a quem está confiado o difficil papel de «Claudino».

No Apolo, realiza-se hoje, a festa do simpático actor Alberto Miranda, o feliz interprete do «Corregedor» do «Moleiro de Alcalá», com um acto de variedades, no qual a distinta actriz Emilia Fernandes recitará as estrofas Camoneas da «Batalha de Aljubarrota». A festa é dedicada ao Sport Lisboa e Benfica.

Rêclames

Anunciada para oontem a última da peça «O Lodo», no Avenida, a concorrência à bilheteira foi de tal ordem que a empresa, embora em difficuldades para concluir o repertório—pois tem de montar mais duas peças em oito dias, últimos da temporada em Lisboa—viu-se na necessidade de realizar hoje mais uma representação daquela violenta e audaciosa corôa de gloria da grande actriz Adelina Abranches, com a qual contracenam superiormente Ester Leão, Constança Navarro, Tereza Taveira e Clemente Pinto.

Mais um admirável programa de variedades se realiza hoje no Coliseu dos Recreios, no qual tomam parte os artistas Irmãos Martins, Sibaritas e Ventura, que respectivamente executam trabalhos coreograficos, bailados e canções e fantasias luminosas no «reino das flores».

A estes números segue-se um emocionante programa de luta no qual tomam parte o japonês Kawamula contra o belga Raoul Saint Mars, o campeão belga Constant Le Marin, contra o espanhol Bastarrica e o austríaco Petig contra o alemão Stolzenwald.

Kawamula desafia quem quer que seja a lutar com elle, dando um premio de cinco contos a quem conseguir vencê-lo, em luta de jû-jutsu, em 3 rounds de 5 minutos com 1 minuto de descanso.

Publicações recebidas

«A Bailarina Loira», novela; por Augusto Navarro. Edição da Livraria Civilização, Porto.

«Castro», por Mateus da Prata.

«Júlio Farnel», versos.

«Costumes e Lendas da Zambésia», por Gavicho de Lacerda, edição do autor.

«Apontamentos e recortes sobre foot-ball Association», por Cosme Damão.

«Almas delirantes», por Luís Cebola. Edição da Livraria Central Editora, Lisboa.

«Tropa de Africa», por Carlos Selvagem. Edição da livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa.

«Angústias de amor» (fado canção) música de Xavier Roque.

«Fado Sepulveda», 5.ª edição, editados por Heliodoro de Oliveira e capa ilustrada por Stuart.

«Verbo austero», versos por Francisco Costa. Edição da Parceria A. M. Pereira, Lisboa.

«Ironia pagã», (versos) por Carlos Fernandes da Cruz.

«Em legitima defesa», folheto escrito e editado por Jorge Burnay sobre uma questão entre os socios da Casa Burnay.

«Sangue novo», revista literária.

«Livros» n.º 4 (mensário de vida literária).

«Reforma agrária». Estudos historicos e economicos por Adolfo Bravo.

«Águia»-revista-órgão da Renascença Portuguesa.

«Cantos líricos» (II volume) Antologia portuguesa. Edição da livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa.

«Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental», por Faria de Vasconcelos, interessante estudo sobre o assunto que nos traça ocação faremos mais largas referências. E' editado pela livraria Aillaud e Bertrand de Lisboa.

«A Burguesinha», por A. M. Lopes de Rêgo, prefaciado por Aquilino Ribeiro. Edição da livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa.

«L'amour libre», por Madeleine Vermet.



PELA MARINHA GRANDE

A Nacional Fábrica de Vidros

A hasódia dum director — Política de alhos moral e materialmente ruins

Vem este artigo a propósito de uma entrevista dada ao *Diário da Tarde*, onde o dr. Calazans Duarte faz as mais desconexas e ambíguas afirmações.

A Fábrica Nacional, triste é dizê-lo, não se encontra à altura de poder ombrear, com algumas congêneres da Marinha Grande, quanto mais, com as do estrangeiro! Pura blague o que se afirma!

É certo que quando o dr. Calazans veio tomar conta da administração da Nacional, veio encontrar o seu erário, em estado calamitoso, com dívidas que remontavam a 200 contos.

Mas também não admira nada que tenha feito alguns resgates, pois que se têm vendido, alguns milhares de esteres de lenha, o que representa um auxílio enormíssimo.

Não é deóbito de apavorar, diz o dr. Calazans ao jornalista. Por aqui se vê, que essa dívida não é nada, tomando em linha de conta o rendimento, que lhe advém das vendas da lenha que sobeja da fabricação.

Fala da crise do director da Nacional. E' absolutamente necessário que se diga o que se passou e tem passado, acerca dela. Eu fiz parte da comissão, que tratava com o governo, da solução de tão terrível mal.

Quando se encontravam encerradas todas as fábricas de vidro, e quando andavam no inchoar perto de novecentos operários, todos os olhos se cravavam na Nacional, pois que era sem dúvida o único amparo que oferecia algumas possibilidades de êxito. Desta maneira foi apresentado ao governo do sr. José Domingues dos Santos que por esse tempo se desfazia em miríades de promettimentos, uma plataforma para fazer progredir a fábrica aproveitando a paralisação total das outras.

Desse governo obtive o operariado a promessa de empréstimo de 300 contos para a obra em laboração. Nada fez, como é de calcular, a pesar de este estabelecimento ser visitado pelo ministro do Trabalho desse governo dr. João de Deus Ramos.

Foi então, que alguém opinou para se pedir ao governo seguinte autorização para vender alguns esteres de lenha.

Foi assim descoberto o filho precioso! Estava assegurada a estabilidade aos patrões da Nacional!

Mas dir-me-ão: Então os operários não lucraram com a venda das lenhas? Nada, absolutamente nada!

A venda de tal combustível, só lhes serviu para se começar a trabalhar, e agora só beneficia aqueles endinheirados, a quem a caleira devia há muito tempo. Os operários continuam a ter no escritório os seus salários represados, enquanto o mercador lhes pede de balde a conta em atraso.

Todas as associações operárias colaboram, incondicionalmente, para que fosse posta a funcionar, a fábrica que foi cedida ao Estado pelo inglês Stephens. Pretendia-se que todos os sem trabalho, se fossem ali ocupar, dividindo o pouco trabalho, que ela podia dar. Era uma ideia altruista e humana, tanto mais que iria evitar que muitos explorados se tuberculassem, como de facto aconteceu. O director da Nacional accedeu, à pretensão das associações pedindo "ordem, ordem e muita ordem", pois que não queria que aquilo, redundasse numa verdadeira anarquia.

Fez-se a organização do pessoal e quando subiram ao ar os primeiros rolos de fumo, tratou-se de apresentar ao dr. Calazans o trabalho das organizações operárias. Ficaram os desocupados esperando pelas ordens do director para retomarem o trabalho.

Mas nada! Dir-se-ia ter tudo aquilo veias de D. Sebastião, que havia de, por certa manhã de nevoeiro, aparecer aos loucos idolatrados.

Começou a laborar a fábrica e o dr. Calazans, nada. Não tugia nem mugia. Já o operariado via que tinha sido infamemente ludibriado, quando a mesma comissão se dispôs a abeirar novamente o director da Nacional.

Respondendo com evasivas e os operários vieram, dali convencidos de que ele tinha mentido descaradamente!

Soubese, mais: Tinha o dr. Calazans Duarte em seu poder uma lista negra!

Não quer portar a dentro, homens que dissessem que o capital teria que desaparecer! Nada, que essa peste poderia contaminar o rebanho pacífico, que sem custo pastorava! E assim tratou de empregar os retratados à associação, enquanto os outros estavam desempregados.

Estabeleceu-se ali uma burocracia ferrea e despótica, o comando dos afiliados tomou novamente conta da barcaça e vá de espalhar aos quatro ventos que a Fábrica Nacional, estava ajudando consideravelmente o operariado em crise. E' mentira! E' mentira, repito!

O operariado da Nacional teve que se sujeitar a trabalhar com uma redução, feita nos salários, de 40 %. Prometeram-lhe que se havia de pagar tudo isso tão depressa se vendessem as lenhas e até à data—nada!

Diz o entrevistado que a Nacional não deve alargar a sua laboração.

Pois poderá! Como há de ela alargar o seu raio de acção, se ela não pode nem assim aguentar-se?

Dirão os leitores que é pessimismo, mas o próprio director o mostra quando diz: "O nosso capital de giro é insuficiente, e, pelas circunstâncias especiais a que atrás aludi, e por outras a que por melindre próprio não devo fazer referência, difícil nos será resistir se o retraimento nas vendas se mantiver."

"Ora, depreende-se que a fábrica está periclitante, e que é mesmo provável que amanhã esteja novamente em pantanas, sendo então responsáveis os operários, porque querem mandar, e querem meter o nariz onde não são chamados, como vulgarmente se diz!"

Que faz então o melódico engenheiro, director da Nacional?

Dá razão e força a afiliados, despreza as associações operárias, que com o seu esforço levaram o governo a consentir na venda, o que afinal só serve, como digo, para os grandes.

Agora dirá o dr. sr. Calazans Duarte: Quem não quer vai-se embora.

Isto a propósito de ele estar constantemente

Pela marinha mercante

A superintendência militar não pode satisfazer

Já em vários artigos inseridos neste e noutros jornais se tem demonstrado o quanto é de pernicioso para o desenvolvimento da marinha mercante, a sua dependência do elemento militar.

Há dias succedeu precisar a Companhia Nacional de Navegação, para abastecimento do vapor «Dondo», dumas 800 toneladas de carvão. Tendo urgência na saída do vapor, e como ainda não tivesse chegado de Inglaterra o carvão que havia encomendado, determinou, para não retardar a saída do «Dondo», que uma reserva de carvão que tinha a bordo do pontão, que em tempos foi o vapor «Constância», fosse baldado para o «Dondo»; mas, como teve de pedir licença à Capitania para executar tal serviço, respondeu esta que não podia consentir na retirada do carvão de bordo do pontão porque as amarras não tinham a bitola exigida, e que, portanto, enquanto não fossem substituídas, bem como feitas algumas reparações indicadas pela vistoria, não poderia ser retirado o carvão de bordo do «Constância».

Singular maneira de pensar a de quem deu tal ordem!

E vejamos que extravagante critério: como a vistoria havia reconhecido as poucas condições de segurança do pontão, a Capitania, ao contrário do que a lógica indicava, persistiu em não deixar retirar de bordo a carga que corria risco de perder-se. E' claro, como a embarcação não oferecia condições de segurança, em vez de se retirar a carga com urgência, ordena-se que ela se mantenha até que se faça a reparação.

Não se compreende também por que razão a Capitania de Lisboa só começa a funcionar às 12, quando em todos os países, estas repartições estão abertas a qualquer hora do dia, e não obstante este grande inconveniente, succede ainda que, quem tem a fatalidade de ter assuntos a tratar naquela repartição, é quasi sempre recebida com sete pedras na mão, especialmente pelos srs. escrivães, que se julgam no direito de tratar toda a gente, como tratam na caserna os recrutas, sem consideração por ninguém fazendo de toda a gente seus criados, ora mandando esperar o tempo que muito bem entendem, ora mandando voltar noutro dia, só porque não estão para se incomodar.

Outro caso único em Portugal, é o ser necessário para quem faz as matrículas a bordo, um automóvel sempre às ordens. Como se compreende que seja necessário para isso um automóvel para ir a bordo dos navios que se encontram atracados no cais de Alcântara e nos Caminhos de Ferro, para onde há constantemente carros? O sr. ministro da Marinha bem pode terminar de vez com estas exigências por parte dos empregados da Capitania, porque a marinha mercante portuguesa não está em condições de sustentar caprichos desta natureza.

São estas exigências constantes, aliadas a medidas perniciosas, que concorrem capitalmente para o definhamento da marinha mercante. E' dem a das voltas que derem, só quando a vida desta dependente de repartições compostas por elementos civis, técnicos experimentados, sob a dependência do ministério do Comércio, se poderá ter uma marinha mercante próspera e desafogada, para o que os marítimos devem trabalhar.

MARAT

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 1\$500

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha».

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitros Avindores, que nos comuniquem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cader-neta confederal em dia.

Renovação

Revista grafica

A 1e 15 de cada mês

Preço esc. 4\$50

mente com esta máxima na boca. Quando algum mais consciente lhe salta, responde-lhe: «Quem não quer vai-se embora, o porão é larvo».—J. A. F.

INTERESSES DE CLASSE

Pessoal do Municipio

Não há o direito de ficar devendo aos trabalhadores quando não é o dinheiro que falta

Reuniram ontem, em assembleia magna, os operários municipais para apreciar a resposta da Câmara a comissão de melhoramentos.

Usaram da palavra vários componentes da classe, que foram unânimes em verberar a forma pouco digna como a Câmara dá conta dos seus compromissos.

Foi resolvido esperar pelo resultado da reunião do senado, que deverá realizar-se amanhã, acompanhando nesse dia, até ao municipio, a comissão de melhoramentos, todo o pessoal camarário, sendo marcada nova reunião para segunda-feira.

Foi tirada uma quete para os operários de Guimarães em greve, que rendeu a quantia de 22\$10.

Uma criteriosa carta aberta

Por um grupo de operários municipais foi editada uma carta aberta da qual extraiamos os períodos que seguem:

"O operariado municipal, conscio dos seus deveres, mas também dos seus direitos, pretende impedir que uma luta se venha a desenvolver — um movimento grevista, de carácter acentuadamente rebelde, lançado à rua com o calor e o entusiasmo duma massa escravizada que pretende libertar-se e que reclama mais pão e mais justiça.

E' o povo o mais prejudicado com um movimento desta natureza, pois bem se vê: s. s. representam o povo, evitai-lhe o desconforto que lhe pode ocasionar uma greve de todo o operariado municipal."

"As empreitadas dão também motivo à nossa admiração. São várias as razões. Primeiro porque exige ao trabalhador um esforço colossal por um salário que não compensa esse esforço, de que resulta um mais rápido definhamento do operário.

Segundo porque não fica a execução de esses trabalhos mais económica aos cofres da Câmara, muito pelo contrário, somas mais avultadas são dispendidas com esses trabalhos.

Terceiro pela imperfeição dos trabalhos, pois o operário precisa de fazer muito para dar margem a receber um salário mesmo para viver com bastantes dificuldades.

Resulta que esses trabalhos têm de ser feitos como já tem succedido por duas vezes — a primeira por empreitada e a segunda a jornal.

Por aqui se verifica a improficuidade de esse modo de trabalho, que o operariado deseja ver abolido."

"Como v. ex.ª sabem, em Março approvamos uma melhoria de salários ao pessoal desde 21 de Janeiro. Em 1 de Abril começou a ser-nos pago parte desse aumento ou sejam 60 0/0 do que tinham estipulado, faltando-nos portanto ainda 40 0/0 e a diferença de 21 de Janeiro a 1 de Abril, o aumento total.

Quando da aprovação da referida melhoria, disseram v. ex.ª que a falta de verba os impossibilitava do cumprimento dessa melhoria, mas que em Junho seria integralmente cumprida."

"Os tempos foram decorrendo e Junho entrou, foi o mesmo que dizer que a classe aguardava ansiosa a vinda do que lhes pertencia.

Não appareceu. Procurado o dr. Marques da Costa, diz ser o caso com o vereador sr. Freire da Cruz, e vice-versa. E neste perder de tempo andaram suas excelencias para finalmente dizerem que ainda não podiam pagar por falta de verba. Isto é o cumulo.

Então as somas de dinheiro que os municipios largam para os cofres da Câmara, o que se lhes faz e qual o seu destino?

Se não tem verba, como se justificam tão grandes empreendimentos como se leem nos jornais e que a Câmara vai mandar executar?

Como se compreende a admissão de novo pessoal técnico e mesmo jornaleiro que diariamente entra para a Câmara?

Como se compreende a aquisição de um prédio por 2.000 contos, para instalar uma nova repartição, que ha de trazer novos funcionários?

Como se compreende o constante aumento de despesas e o mesmo se não faça para o pessoal jornaleiro?

Verifica-se isto — a Câmara não quer pagar o que deve.

Não é justo que se alegue não ter verba para pagar convenientemente aos operários e a possua para tantas inovações que se está vendo.

Que as façam, está bem, até simpatizarmos com a transformação da cidade, mas não se esqueçam de quem a transforma e embelesa. Se há verba para a transformação, que appareça também para os transformadores, que bem precisam, tanto mais quando a sua approvação legal já foi dada pelo Senado Municipal."

Trabalhadores do Tráfego

Reuniram em assembleia geral e, tendo ouvido relatar a forma porque as empresas respondem às reclamações feitas, resolveram repudiar as suas evasivas, reiterar a sua confiança à comissão para continuar as «demarches» encetadas e pôr em prática, no mais curto prazo de tempo, a escala de trabalho.

Foram nomeados Alfredo Rodrigues da Silva e Alexandre Lourenço para os cargos vagos de secretário da direcção e vogal.

ACABA DE SAÍR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 paginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de «A Batalha».

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço 5\$50.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Voz do Operário

Na assembleia de hoje a luta deve ser renhida

De nada tem servido a campanha levada a cabo contra os dirigentes da Sociedade, porque os processos que adoptam hoje são os mesmos de ontem, mentindo com um impudor próprio de quem se lhe anulou por completo a sensibilidade moral.

E, com franqueza, por mais esforços que queiramos empregar para prosseguir na luta, vemos-nos na impossibilidade de o fazer, porque nos sentimos moralmente rebaixados em discutir com semelhantes criaturas.

E o que é mais grave, é que se servem do órgão da Sociedade, pago pelos sócios, para os ludibriarem, e para cavilosamente mentir com a maior sencermonia. O último número, então, vem edificante.

Na primeira página traz um relatório da comissão administrativa, intitulado *Breves palavras*, que nenhum dos seus membros teve a coragem de assinar. Este relatório, escrito pela mesma pena do autor do primeiro indecoroso relatório, o redactor do jornal, porque os membros da comissão administrativa são analfabetos e portanto não sabem escrever, vem repleto de infâmias e de mentiras, reeditando-se nele uma triste insinuação já muito repisada por eles, desde o principio da nossa campanha, na qual se afirma que eles, os honestos dirigentes da Sociedade continuam mantendo de pé aquela obra, enquanto que as instituições pelos nossos detractores fundadas derriuram na voragem do escândalo!"

E há tanto tempo empregam este argumento, sem nunca mencionarem as instituições que fizemos derriur, que não sabemos que attitude queiram que nós tomemos em face da insidia.

Naquelle pantano, que é hoje a *Voz do Operário*, todos se atufam. O presidente da assembleia, os membros da comissão e o redactor do jornal. Na última assembleia algum pretendeu apresentar um requerimento terminando com a discussão do relatório. Era tão escandalosa a apresentação desse documento que toda a assembleia se levantou indignada, tendo o presidente que encerrar a sessão. Pois o órgão da calúnia e da mentira deu o requerimento como admitido!

Que os membros da comissão e o presidente da assembleia, de gorra com o redactor do jornal, cometessem essa infâmia, aceitamos, porque dessa gente não se pode esperar outra cousa. Mas os compositores do jornal, que não são empregados da comissão, mas da Sociedade, sabem ser mentirosos a afirmação da admissão do requerimento, prestarem-se a introduzi-la na página, solidarizando-se com aquella podridão, deixam-nos a noção de que dentro da Sociedade são poucos os que se salvam da derrocada moral.

Mas a obra de lodo que é hoje o órgão da Sociedade, foi largamente apreciada numa reunião de sócios auxiliares, em que as opiniões se dividiram, sendo uns de parecer que se terminasse de vez com as assembleias, mas por forma que fique bem assinalada na história da Sociedade a podridão dos actuais dirigentes, e os mais moderados, embora reconheçam a impossibilidade de se prosseguir na luta com processos tão repugnantes como os adoptados pelo órgão da Sociedade, optam pela continuação da campanha nas assembleias, em sessões publicas e na imprensa.

E nada ficou definitivamente assente sobre a orientação a adoptar, por se não ter chegado a um accordo entre as duas partes, que, embora tenham a apparencia de dividição, estão inteiramente identificadas na obra de depuração moral da Sociedade.

Por isso a assembleia de hoje é esperada com um certo nervosismo, porque talvez ela fique bem assinalada na vida da Sociedade que bem precisa de ser saneada.

Lições de francês

Por pessoa que ensine bem, precisa-se 1 hora por noite. Aprende-se com vontade. Paga-se o que se combinar. Resposta em carta a H. Lopes—R. Terreininho, 68, 3.ª.

AS GREVES

Condutores de Carroças

Ainda não terminou o conflito que se vem debatendo há longas semanas entre os condutores de carroças e os proprietários, motivado pela intransigência destes últimos em não reconhecerem uma regalia das classes trabalhadoras que é também uma lei do país — lei que está devidamente regulamentada. Devido a essa intransigência encontram-se ainda condutores de carroças em greve.

Os patrões que se recusam a cumprir o horário de trabalho supõem que ainda é possível manterem-se as condições vexatórias de trabalho que eles estavam habituados a impor; supõem que os condutores de carroças ainda estão dispostos a deixarem-se explorar, desumanamente, sob um regime de trabalho de 12 a 14 horas diárias. Imaginam ainda que os condutores de carroças ainda aceitarão ser coagidos a trabalhar toda uma noite, recebendo em troca desse esforço arrojante a risivel quantia de 3 escudos. Enganam-se, porém. Os condutores de carroças estão firmemente decididos a resistir com firmeza contra tão absurdas pretensões e a luta só termina quando os patrões tiverem abandonado a sua antipática e teimosa attitude.

Reúne hoje a comissão administrativa do Sindicato dos Condutores de carroças para tratar, entre outros assuntos de grande interesse, da assembleia geral que se deve realizar amanhã a fim de se decidir o caminho a seguir em face dos condutores de carroças que ainda se encontram em luta.

Empregado

Camarada deseja empregar a sua actividade ao domingo ou diariamente das 19-0. Sabe bem ler, dá calligrafia e regular apresentação. Para commercio ou outro ramo.

Resposta, M. Pereira—Rua Herois de Klonga, 26, 3.ª d.to

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secretariado de propaganda

Reúne hoje, pelas 19 horas.

Câmara Sindical do Trabalho

Reúni na terça feira o conselho geral presidido Eduardo Ortiz secretariado por Edmundo Tavares e José Teodoro. Estavam presentes os seguintes sindicatos: E. M. Comércio e Indústria, Litógrafos, Escritórios, Mobiliários, Confeiteiros e Chocolateiros, Municipio, Condutores de Carroças, Alfaiates, Construção Civil, Metalúrgicos, Trabalhadores do Tráfego, Chapelheiros, Calceiros e Barbeiros.

Foram aceites como representantes dos seguintes sindicatos os respectivos camaradas: Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, José Augusto Mendes e Eugénio de Azevedo; Sindicato Metalúrgico, Emídio Santana, Olímpio Costa e Eduardo Ortiz (este último reconduzido); Chapelheiros, Manuel Marques e José Barros da Costa.

Alberto Monteiro, Jaime Tiago e ainda outros camaradas lamentam o facto de este conselho nunca ter uma sala em condições para poder reunir, ficando este último encarregado de obviar a semelhante anomalia visto ser o delegado deste organismo ao comité da casa.

Fomou-se conhecimento de uma questão entre a Associação das Criadas de Servir e os Criados de Mesa. Depois de falarem sobre a mesma questão Francisco Quintal, Alberto Monteiro, Alexandre Assis, Augusto Mendes e Emídio Santana e uma delegada da Associação das Criadas, foi resolvido nomear uma comissão para solucionar o conflito.

A comissão, ficou assim composta: Manuel Peres, Emídio Santana e Alexandre Assis.

Entra-se a seguir na ordem de trabalhos: Apreciar a circular n.º 149 sobre o Congresso Confederal, Manuel de Figueiredo diz que a Câmara Sindical pela sua nova estrutura se sente moralmente obrigada a apresentar ao Congresso um trabalho tendente à criação das Câmaras Sindicais no resto do país e nesse sentido propõe para que a comissão instaladora elabore esse trabalho e o traga a uma nova reunião do conselho para este o apreciar e se então será nomeado o delegado ou delegados ao Congresso.

O conselho sancionou esta proposta sem discussão.

Francisco Quintal procede à leitura de um parecer sobre a manifestação internacional de 2 de Agosto, contra a guerra.

Depois de uma interessante discussão na qual tomaram parte, Emídio Santana, Manuel de Figueiredo, António Serrano, Manuel Peres, Alberto Monteiro, Manuel de Oliveira, Francisco Quintal, Alexandre Assis e Abraão Coimbra é por fim aprovado o parecer que conclui por realizar nesse dia 4 sessões publicas nos seguintes locais: Calçada do Combro, Secção de Belém, Poço do Bispo e Palma.

Eduardo Ortiz, Alberto Monteiro, Manuel de Figueiredo, Abraão Coimbra, António Serrano e Emídio Santana occupam-se da situação do secretário geral da Câmara, ficando resolvido que se lhe offie para que este a esclareça, bem como ao sindicato de Manufactores de Calçado lamentando as faltas dos seus delegados.

Sobre o trabalho da comissão pró-presos falam Eduardo Ortiz, Francisco Quintal e Manuel de Figueiredo os quais lamentam a pouca assiduidade de alguns componentes da mesma, resolvendo-se também comunicar ao Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra que um dos seus delegados que fez parte da referida comissão nunca compareceu às reuniões, sendo em seguida encerrada a sessão.

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica.—A comissão administrativa em sua reunião ordinária occupou-se do conflito entre o Comité Metalúrgico de Propaganda do Norte e esta Federação.

Sendo apreciado um officio da C. G. T., segundo o qual, se avizinha a solução do citado conflito, ficou resolvido officiar ao Comité Confederal marcando a reunião conjunta para sábado próximo na sede desta Federação, pelas 20,30 horas à qual deverão assistir os dois delegados do Comité do Norte, o Comité Confederal.

Litógrafos e Anexos.—Reúniua comissão administrativa que apreciou vários assuntos de carácter interno e aprovou novos sócios. Apreciou detidamente a situação moral da classe, resolvendo-se que vários componentes da comissão administrativa tomem o encargo de tratar deste assunto. Apreciou também a realização dos congressos Confederal e Federal resolvendo que a próxima assembleia reúna, na quarta-feira, 5 de Agosto, para ser tratado esse assunto, assim como a attitude dos delegados deste organismo à F. L. I.

Foi também analisado o resultado da última reunião das direcções dos sindicatos gráficos de Lisboa, ficando assente levar o assunto para a assembleia geral.

Pelos delegados que foram em missão a Setúbal foi relatado o que ali observaram. Accordou-se que os mesmos delegados elaborem um relatório circunstanciado da sua missão para ser presente à assembleia geral da classe, que resolverá o que for conveniente fazer. Os delegados das officinas que reúnem impressões sobre várias questões trocaram impressões sobre várias questões que vão agitar a classe, ficando a reunião suspensa para prosseguir amanhã, pelas 20 horas. Os delegados que não compareceram devem não fazer amanhã para melhor se chegar a um accordo sobre varias questões pendentes, e serão convidados por meio de offícios, para a reunião de delegados.

Calceiros.—Reúne a assembleia geral na próxima segunda feira, pelas 21 horas com a seguinte Ordem de trabalhos: 1.º Apreciar os actos da actual Direcção; 2.º Apreciar e resolver o conflito travado entre os alunos e a mesma Direcção. Estes dois números são incluídos na convocatória a requerimento de alguns associados nos termos do n.º 3 do art. 14.º do Estatuto; 3.º Tomar conhecimento da moção votada pelo

Conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários que resolve não aceitar o delegado desta Associação, nomeado em Assembleia Geral.

Compositores tipográficos.—Reúniu ontem a assembleia geral para continuação de trabalhos pendentes.

Ainda sobre o 1.º número da ordem de trabalhos, que era «Apreciar a attitude que os delegados dos quadros dos jornais tomaram na discussão da proposta aprovada na última assembleia geral, a qual era assinada por nove sócios», usaram da palavra entre outros, os colegas Sarmiento Dias, Alexandre Vieira, Xavier da Cunha e Manuel Soares da Costa, que apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

«Proponho que os nove colegas que assinaram a moção aprovada em assembleia geral de 21 de Junho p. p. elaborem um trabalho sobre o «capitulo de greves gerais», apresentando-o primeiramente a uma reunião de delegados dos quadros de jornais diários e depois à sanção da assembleia geral».

Antes de se encerrar a sessão foi apreciado um officio da direcção do sindicato em que pedia a sua demissão.

Depois de varias explicações a assembleia reiterou-lhe a sua confiança.

A sessão foi suspensa para continuar na próxima terça feira, pelas 18 horas prefixas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação da Construção Civil.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Federal para dar parecer sobre offícios que tratam assuntos de urgência, entre eles pedidos de delegados a comícios que alguns sindicatos da provincia realisam no domingo.

S. U. Mobiliário.—A assembleia gera às 20,30 horas.

Manipuladores de Pão.—Pelas 11 horas as comissões administrativa e de melhoramentos e todos os militantes.

—A's 12 horas, em assembleia magna para tratar da baixa de salários e outros assuntos.

Comissão Mixta de Propaganda e Organização Sindical do Beato e Olivais.—Para tratar de um assunto que require immediata resolução, reúne hoje pelas 20,30 horas.